



D. Jesuína, sinhazinha do Camuciata

CONSUELO PONDÉ DE SENA

Gosto de evocar figuras femininas tenham elas exercido funções públicas ou apenas vivido no recesso do lar, totalmente dedicadas à família. Isto porque são inúmeros os exemplos de mulheres cuja nobreza de sentimentos, abnegação e heroísmo convertem-nas em paradigmas das virtudes geralmente atribuídas ao gênero – amor, dedicação, renúncia, ternura e desprendimento. Muitas delas jamais se preocuparam com as lutas femininas, com as conquistas dura e lentamente obtidas, revelando-se submissas às determinações masculinas ou apenas predispostas ao sacrifício em favor dos seus e aos exclusivos interesses familiares.

Heroínas anônimas, são símbolos de virtude, esquecidas. Todavia, merecem recordadas pelo sacrifício a que se impuseram, por terem sido criaturas excepcionais, dessas que vieram ao mundo para cumprir a superior missão de ser mãe, esposa, parenta e amiga.

Assim, no silêncio de uma vida discreta e abnegada, convertida por vezes na imolação dos seus desejos e na prática do sacrifício, devem ser valorizadas pela grandeza do desprendimento, pelo desapego, pela superioridade do espírito, enfim, pelo bem que generosamente distribuíram, pelas alegrias que semearam, pelos espíritos que forjaram na dura forja da vida.

Jesuína da Costa Pinto Dantas de Carvalho, falecida no dia 15 de fevereiro passado, era uma dessas damas de uma geração que se vai esgotando.

Tendo nascido a 12 de julho de 1906, na Freguesia do Rosário, nesta capital, era filha do chefe político e regional João da Costa Pinto Dantas e Ana Adelaide Ribeiro dos Santos, representantes de duas tradicionais estirpes baianas. Ele, filho do barão e da baronesa de Jeremoabo, respectivamente Cícero Dantas Martins e Mariana da Costa Pinto. Quanto a ela, era filha do casal José Joaquim Ribeiro dos Santos, médico oftalmologista e pioneiro industrial, e Jesuína Ribeiro da Rocha.

Passou Jesuína parte da sua infância no engenho Camuciata, no Itapicuru (BA), residência de muitos dos seus ascendentes. Viveu o tempo em que os trens de ferro chegavam apenas a Barracão, hoje Rio Real. Daí se continuava a viagem até o Camuciata, utilizando-se o cavalo ou carros de boi, com pernoite na Fazenda São Paulo, de propriedade de parentes Dantas.

Convivendo com sua mãe, senhora culta e inteligente, mas pouco afeita à vida social, durante a mocidade acompanhava o pai, político de prestígio, nessas atividades. Substituía D. Adelaide nos atos formais, pois esta preferia a vida caseira, a companhia dos filhos, os cuidados com o belo sobrado do agreste baiano e os papéis que constituem o arquivo do barão.

Jesuína cursou o conceituado Colégio Oito de Dezembro, de propriedade de D. Adelaide Franklin, que se situava no Largo Dois de Julho. Em seguida, deu prosseguimento aos estudos no Colégio N. S. das Mercês, onde completou a sua formação. Temperamento alegre e expansivo, desde criança,

no Camuciata, animava as festas juninas e novenas ali realizadas, pontificando com graça e encantadora simplicidade.

Casou-se em 18 de fevereiro de 1925, na Matriz da Vitória, nesta cidade, com Anfilófio Leal de Carvalho, então juiz de Direito da Comarca de Itapicuru, tendo o casal sete filhos, dois dos quais gêmeos, Mário e Milton, os mais velhos, já falecidos. Maria de Lourdes, viúva de Djalma da Costa Pinto Dias, Yolanda Dantas de Carvalho Solis, residente no Peru, José, há muito radicado no Rio de Janeiro, Edmundo e Álvaro.

Era irmã de Cícero Dantas Martins, João da Costa Pinto Dantas Júnior, José da Costa Pinto Dantas, Mariana (Madre M^a Teresa do Menino Jesus, religiosa ursulina, mais conhecida como Madre Teresinha), Artur, Ana Adelaide (viúva do antigo deputado estadual e federal José Guimarães (Dedé), Artur, Antônio, Aníbal e Mário, este último falecido na infância.

Muito estimada entre todos os moradores da cidade de Itapicuru, naquele palacete do Camuciata distribuía a caridade e praticava o bem. Atendendo à pobreza da região, era considerada a alma e a flor daquela vetusta morada, exemplo magnífico da arquitetura rural de nossa terra.

Recordar aquela doce e serena figura feminina é um dever a que se impõe uma filha honorária daquela comunidade. É o que, com muito carinho, faço hoje neste espaço de A TARDE.

Consuelo Pondé de Sena
é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia